

PREÂMBULO

EDUCAÇÃO E REALIDADE INTERPRETADA

A educação deve conceber situações, espaços que permitam ao educando refletir, expressar-se, arquitetar, caminhar, evoluir, agir por conta própria, adquirindo novos e consistentes conhecimentos. O professor torna-se um mediador, um provocador do processo, aquele que gera contexto/contextualização favorável à construção do saber pelo educando.

O saber é a capacidade de resolver os problemas surgidos, de elaborar o conhecimento através da superação de dificuldades, contradições, desafios. Aprende-se utilizando-se ferramentas (palavras, números, figuras, móveis etc.), de forma a se comunicar, solucionar questões, interpretar o meio que nos cerca.

Um dos processos mais requisitados hoje é o da observação/apropriação da realidade e os estímulos necessários para que o aluno nela interfira, se insira de forma consciente. Como exemplificação, conhecer e perceber o ambiente, não só em nível físico-geográfico, mas igualmente (quanto) à sua temporalidade e influência histórico-humana.

Cabe à escola, como agente institucional da educação e instrumento de diálogo social, proceder a um olhar atento junto ao aluno sobre mudanças geográficas, históricas, ambientais, culturais, enfatizando-se a interação meio/sociedade. Onde se nasceu, se vive, o espaço geográfico, a rua ou sítio rural, o bairro, a cidade, a paisagem; os municípios vizinhos; que pessoas e famílias compõem/compuseram a trajetória social local, suas procedências, genealogias, as alterações urbanísticas e ambientais ao longo dos tempos; razões dos nomes da cidade, das ruas, praças e bairros; aspectos do transporte urbano, saneamento básico, áreas de lazer; carências e reivindicações dos alunos, moradores do bairro e população a serem levadas às autoridades constituídas; manifestações culturais e folclóricas vigentes; a vinculação da cidade à sua história; pessoas e fatos que influenciaram a vida social, ontem e hoje; datas, heróis, personalidades marcantes; meios de transporte/locomotoção do passado; processos econômicos e de produção.

Enfim, que a escola promova competências e experiências, de forma que o aluno – cidadão em plena essência – seja capaz de selecionar, interpretar e sistematizar dados, convertendo-os em conhecimento; que o educador tenha uma posição ativa – jamais autoritária e plenipotente – participativa de diálogo e democratização do poder. Mecanismos didáticos modernos deverão, a esse respeito, ser explorados como leitura de mapas, confecção de atlas, álbuns de fotografias, edição de jornal escolar, interação com redes sociais, experiências de campo.

Acesse o Boletim online no site www.credivertentes.com.br

AO PÉ DA FOGUEIRA

“PAGANDO PATENTE”

Chamá-lo de “sistemático” era eufemismo, talvez uma eufonia, um elogio. O homem era genioso, “azedo”, casmurro, de uma gravidade e rigidez incomuns, de uma austeridade e sensibilidade que excediam a todos os limites.

Pequeno proprietário rural em Jacarandira, contam-se dele inúmeros e pitorescos “causos”:
I – Visitando, certa feita, um casal de compadres, proprietários de um sítio nas proximidades de Resende Costa, ali pelos lados do Ribeirão, após a calorosa recepção, muita conversa solta, é convidado, de praxe, a tomar o tradicional, mineiríssimo café. Eram tempos de algumas novidades, em que apareceram, no comércio, diferentes modalidades de panelas, xícaras, pratos, etc. com novos designs, formatos e materiais em alumínio inox, plástico.

Lá estava a comadre, toda orgulhosa de sua coleção de xícaras em forma de taças, novinhas em folha, recém compradas na cidade, esperando a primeira visita para serem “batizadas”. E justo ali estava o compadre!

Serve, risonha, o ágape, a larga mesa de canjerana no centro da sala, café acompanhado de lauta variedade de biscoitos caseiros. Broinhas, quebra-quatro, biscoitos dona Rosa, de amendoim, de fubá, brevidades, queijadinhas...

- Você, compadre, vai ter que me pagar patente..., diz-lhe, em forma de chiste, de brincadeira, lá pelo meio da conversa e do café à farta

- Mas, o que é essa tal de patente, comadre?!

- Como o compadre é o primeiro a tomar café nesta xícara, você vai ter que me dar outra nova. Isso é o que se chama “pagar patente”...

- Não há de quê, comadre. Pagarei com todo o prazer!

O que era uma inocente brincadeira, tornou-se questão de honra para o agitado visitante.

Dali a dias, vai a Passa Tempo. Dirige-se diretamente à loja do Turco e informa-se junto ao proprietário se ele tem das tigelas e xícaras plásticas.

- Chegou uma remessa ontem. Ainda está na caixa...

- Então, o sr. veja o preço delas que eu vou levar tudo...

- ??? (o comerciante de olhos estatelados)

- Isso mesmo. Levo todas...

Eram umas 200 tigelas e que, a pedido do comprador, foram acondicionadas em sacos, ajeitados pelo próprio sítio sobre o arreo, considerável volume que chamou a atenção de todos, pelas ruas e ainda dos viajantes que encontraria pelo caminho. Acertou a compra, dali dirigindo-se à casa dos compadres. Recebido no alpendre pela comadre, já que o compadre estava pelos campos, cuidando do gado falhado.

- Mas, que grata surpresa, compadre...

- Vim pagar a sua patente, comadre!

Para espanto da comadre, desceu os sacos do animal, entregando a descumunal carga, à senhora, estupefata, afônica, atônita.

- Daqui para a frente, você não precisa pedir a mais ninguém que “te” visitar prá pagar a tal patente...

E, entre monossilabos, sem maiores ressaibos, com cara de poucos amigos, virou o animal em direção à sua fazendola.



II – Quando da inauguração da energia elétrica (CEMIG) em Passa Tempo, na década de 1960, PN desejou conhecer in loco a novidade. De visu, com os próprios olhos. Arreou a besta ruana e assestou para a cidade.

Amarra o animal a um dos postes de iluminação, enquanto, embevecido, observa casas e lojas iluminadas, rádios no volume mais alto, era o início das primeiras televisões, moradores se orgulhando das maravilhas do progresso recentemente chegado.

Um fiscal da Prefeitura, responsável pelo setor de posturas, com uma pasta na mão – de onde retira uma tabela – o interpela:

- O sr. está multado. Estacionando em local proibido, Cem réis o valor da multa

- São moço, lance aí, então, dez multas de uma vez. Vou deixar pagas e adiantadas as próximas multas. Fico com crédito, (enquanto estendia o dinheiro ao fiscal).

Tomou, a seguir, da mula, montou, tomando o rumo de Jacarandira. E a Passa Tempo, assim dizem, nunca mais retornou...

ADIVINHAS

- 1- Como é que o Homem Invisível chama seus parentes?
- 2- O que faz o assassino quando se aposenta?
- 3- Quando o aluno cola e todo mundo ainda lhe dá os parabéns?

Respostas: 1- Transparentes; 2- Mata o tempo; 3- Quando ele cola gran

Provérbios e Adágios

- Come-se o pernil, restam as castanhas
- Do prato à boca, perde-se a sopa
- É com o andar da carruagem que as abóboras se ajustam
- Quem muito espreme, sai-lhe pelos dedos
- Pimenta nos olhos dos outros é refresco
- Se você quer saber como foi seu passado, olhe para quem você é hoje. Se quer saber como será seu futuro, olhe para o que está fazendo hoje. (Provérbio chinês)

Para refletir:

- O segredo da vida não é o que acontece com você, e sim, o que você faz do que acontece com você. (Norman Vincent Peale)
- A única linguagem que Deus ouve é o silêncio do amor. O silêncio não é o amor, mas um preâmbulo do amor. (São João da Cruz)
- Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta o nosso edifício interno. (Clarice Lispector)
- Quando você tem uma meta, o que era obstáculo passa a ser uma etapa de seu plano. (Gerhard Erich Boehme)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloísa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG
CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107
Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



NOTAS

TÉCNICAS E PROCESSOS NATURAIS DE PLANTIO

Nossos lavradores do passado cultivavam o milho, sempre ao lado do feijão (ou fava, ervilha etc.) e da abóbora. Uma estratégia, aliás de herança indígena, denominada de “três irmãs”. Plantas que se relacionavam entre si, “se entendiam”, numa interação/relacionamento autossustentável, benéfico à natureza e ao produtor.

O feijão fornece nitrogênio ao milho (Os legumes “pegam” o nitrogênio no ar e o levam para dentro da terra, fixando-o no solo) A haste do milho é apoio natural para o feijão subir; a abóbora, por sua vez, plantada na base do milho e do feijão elimina as ervas daninhas.

Técnicas/processos adequados de cultivo, em que plantas e animais se inter-relacionam, gerando produtos saudáveis e em perfeita harmonia com o ecossistema.

HELICÓPTEROS E AERONAVES DE ‘PASSEIO’

A ANAC-Agência Nacional de Aviação Civil e Polícia Federal alertam sobre o uso irregular, ilegal de helicópteros e mesmo aeronaves de pequeno porte nos chamados “voos panorâmicos”. Aparecem eles em cidades interioranas, geralmente aos finais de semana, em dias de festas, exposições, shows oferecendo voos para moradores, turistas etc. A Legislação não permite que helicópteros façam voos com fins panorâmicos. Não podem realizar e muito menos cobrar, geralmente um absurdo (fala-se em até R\$ 200 por pessoa, voo de poucos minutos). Os aparelhos que aparecem, via de regra, são irregulares, licenças vencidas, sem vistoria pelas autoridades da Aeronáutica, pilotos amadores ou com brevet vencido, aventureiros etc.

Segundo informações da imprensa, autoridades municipais e estaduais lotadas no município de ocorrência das irregularidades estão sendo responsabilizadas e processadas, neste caso, pela omissão e “vista grossa”, como de sempre!

II. LEI?! QUE LEI?!

Prédios de até 5, 6 andares sendo construídos sem muros ou tapumes, sem qualquer telamento de proteção e segurança para pedestres, veículos. Todos sujeitos a levar uma tijolada caída do alto sobre suas cabeças (ou nas latarias dos carros), detritos e água rolando dos andares em construção sujando a roupa de quem passa na rua. Operários sem o uso de equipamentos de proteção individual e vai por afora...

O Código Civil Brasileiro (Lei nº 10.406, de 10/01/2002) em seu Cap. X fixa as responsabilidades do construtor, proprietário, profissionais liberais e ainda autoridades quanto a danos provocados a terceiros por irregularidades e imperícias nas construções.

Outro aspecto visível a todos: Passeios agora sem continuidade, com degraus, escadas as mais aberrantes, impedindo a passagem de cadeirantes, idosos, senhoras, o cidadão comum. Será que a Lei da Acessibilidade, o direito constitucional de ir e vir, foram extintos entre nós? Como é bom não estar vendo nada...

Patrocínio:



Apoio Cultural:





Monsenhor Francisco Elói de Oliveira 1915 – 2015 Centenário de nascimento

Em 15 de agosto de 1955, tomava posse como pároco, assumiu integralmente a responsabilidade da Paróquia São Tiago Maior e Sant'Ana, a de Nossa Senhora das Mercês em Mercês de Água Limpa e todas as capelas das comunidades rurais e urbanas.

Monsenhor Francisco Elói, natural de São Tiago, nascido no dia 19 de novembro de 1915, filho do Sr. José Pedro de Oliveira e de dona Júlia Alves de Sena.



Sr. José Pedro de Oliveira e D. Júlia Alves de Sena

Desde cedo manifestou firme desejo de ser padre, quando servia de coroinha na Igreja Matriz de sua terra natal. Nessa mesma época, recebeu sua primeira Eucaristia em outubro de 1925, das mãos do Padre Francisco Ferreira.

O tempo foi passando e a vocação amadurecendo. No ano de 1931, foi ao encontro do seu anseio vocacional, ingressou-se no Seminário do Coração Eucarístico de Jesus, em Belo Horizonte, para cursar e concluir os seus estudos. No mesmo Seminário recebeu as ordens menores (ou ministérios) e, em março de 1940, foi ordenado diácono.

Aos 20 dias de outubro de 1940, na Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores, no Bairro Floresta, em Belo Horizonte, foi ordenado sacerdote, pela imposição das mãos e oração consecratória de Dom Antônio dos Santos Cabral.

Sua primeira missa foi celebrada no Seminário onde realizou os seus primeiros estudos. Uma semana depois, a saudade o trouxe a São Tiago para celebrar a Santa Missa; recebeu calorosa acolhi-

da e homenagens por parte de seus conterrâneos em solene co-celebração eucarística.

A primeira paróquia em que exerceu suas primícias sacerdotais foi a de Santo Antônio, em Rio Acima, onde exerceu serviços pastorais no ano de 1941; logo após, esteve na Paróquia Nossa Senhora da Glória, em Passa Tempo (1942 a 1944). Neste mesmo intervalo, de 1942 a 1949, passou pela Paróquia de São João Batista, em Morro do Ferro.

De maio de 1948 a agosto de 1996, trabalhou na Paróquia São Tiago Maior e Sant'Ana e na Paróquia Nossa Senhora das Mercês (setembro/1997), em Mercês de Água Limpa (Capelinha).

Quando atendia no Distrito de Morro do Ferro e Passa Tempo, o ainda Padre Francisco Elói foi convocado para servir na Força Expedicionária Brasileira (FEB), por ocasião da 2ª Guerra Mundial. De setembro de 1944 a maio de 1945, ele se desdobrou nos sofridos e gélidos montes italianos para levar o conforto do Evangelho aos pracinhas, pois a angústia, o sofrimento e o desespero se apoderavam de muitos deles.

No dia 15 de agosto de 1956, pelos méritos dos seus trabalhos sacerdotais, foi concedido a ele, por S. S. o Papa Pio XII, o título de Monsenhor.

Monsenhor Francisco Elói destacou-se e deixou marcas indelévels de seu apostolado como arauto do Evangelho, Educador e grande compromisso e amor para com os mais necessitados, através de obras sociais.

Como lema da sua ordenação Sacerdotal trazia o versículo 4 do Salmo 109: "Tu és Sacerdote para sempre, segundo a ordem do Rei Melquisedec". Como Padre, acolhia e dava atenção a todos. Sempre que o procuravam tinha uma palavra de conforto e carinho para aqueles que necessitavam. Tinha grande zelo pelos seminaristas. Sempre aconselhava e exortava os Padres e seminaristas: "Amigos sacerdotes trabalhem com dedicação. Não podemos nos esquecer de nosso Breviário, o Pão Divino, a Eucaristia, o Terço de Nossa Senhora, a proteção da Santíssima Trindade e, finalmente, viver o celibato. O sacerdote que assim vive deve ser alegre e virtuoso... Essas armas de vida nos fazem vencer e sermos heróis e conseguirmos cativar o mundo".

Monsenhor Elói sempre foi um sacerdote santo, fazendo com que nenhuma das almas, a ele confiadas, se perdesse do rebanho, fazendo com que através de sua fé e obras, as conduzisse sempre para o redil do Senhor.

No dia 5 de agosto de 2003, foi chamado pelo nosso Pai Celeste para habitar na morada eterna, conforme, "designou aos seus eleitos segundo a sua presciência". Como diz São Paulo Apóstolo: "Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Resta-me agora receber a coroa da justiça, que o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia, e não somente a mim, mas a todos que aguardam com amor a sua aparição". (2Tm 7,8).



Capelão Militar - 1944



O Pároco na ocasião do recebimento do título de Monsenhor - 1956

“CAUSOS” DE MONS. ELÓI

A TERRA BRUTA DESGASTA O ARADO

Encontramo-nos com Mons. Elói, nosso dinâmico vigário e invulgar homem público, que diligentemente esteve à frente de nossa paróquia por quase meio século. Década de 1970. O local, as dependências do antigo Colégio Normal Santiaguense, (que, à época, funcionava nos fundos do hoje Hotel Minas Gerais), de que ele fora abnegado fundador, diretor e professor por décadas.

Estava abatido, circunspecto, percebia-se. Homem, porém, de fé e fibra. Continuava normalmente suas lides de magistério e de ministério pastoral. Estava sendo vítima, uma vez mais, de comentários maldosos, inconsequentes, esta infecciosa, corrosiva e ignóbil forma de agressão pessoal e social, que a ninguém respeita.

Várias pessoas ali estavam, de forma discreta, a levar-lhe solidariedade e apreço – aliás, atitude cristã, humana, nobre e que parece ter desaparecido de nossos costumes, nesses atuais e maus tempos...

De forma direta, ninguém tocara no assunto. Era por demais delicado. Comentários pipocaram entre os presentes sobre temas correlatos: a ingratidão, a invigilância, as fraquezas humanas, os pecados sociais, a indústria fácil da loquacidade e da perfídia.

Mencionou-se Rui Barbosa que, vítima igualmente de intrigas e diatribes, denominou tais pessoas e agentes da malignidade como “lamparinas dos brejos”, seres providos tão só de inveja e decadência, bruxuleando nos pântanos sociais suas tóxicas e malcheirosas emanções.

Ali, diante de Mons. Elói, pastor e servo de Deus, que dedicou toda a sua laboriosa e honrosa existência à comunidade, pensávamos como somos frágeis e ainda longe, quase todos nós, das excelsitudes e grandezas evangélicas que nos pregam o amor, o perdão, a renúncia, a comiserção, a compaixão... Quantos daqueles que, pelas esquinas e botecos, tripudiavam covardes e rasteiros sobre a honorável dignidade de Mons. Elói, não teriam recebido de suas mãos os sacramentos; acolhido o pão nas casas assistenciais mantidas por Monsenhor em toda a cidade (lactário, sopas); atendidos no hospital S. Vicente de Paulo por ele inaugurado, após ingentes esforços; educados no então ginásio e escola normal; talvez abrigados gratuitamente em tetos da “vila Ozanam” que nosso pároco, de forma pioneira, generosa, implantou para famílias carentes.

Homem que participara como capelão militar da II Grande Guerra nos campos da Europa e que fora insistentemente convidado por seus superiores eclesiais e militares, após o término do tétrico conflito, a servir no Rio de Janeiro junto ao alto comando militar do País. Tivera, outrossim, opções de ascender na carreira eclesial e tornar-se uma dignidade episcopal. A tudo abdicara para servir tão somente à sua terra natal, ao seu povo, o que o fez ao longo de toda uma vida dedicada e honrada ao sacerdócio, à causa social, à promoção humana, à Pátria e a Deus. E à custa de quanta dor e transe!

Um conterrâneo ali presente, latinista, - enquanto Mons. Elói atendia a um paroquiano da zona rural - citou um célebre verso de Ovídio: “Atteritur pressa vómer aduncus humo” (o arado afiado se desgasta na terra bruta). Uma referência à situação presenciada. Deixa, porém, o solo hostil aberto à sementeira, ao cultivo promissor e às messes vindouras. Mons. Elói, porém, jamais se curvou às intempéries e ingratidões, labutando sempre otimista, um inegável batalhador da primeira à última hora,

Trabalho para heróis, pioneiros, que se imolam para servir ao presente e à posteridade, em meio à dura e rude condição dos tempos e do homem...

A BATINA BALE!

Diretor do antigo Ginásio Santiaguense e seu emérito fundador, Mons. Elói, periodicamente, deslocava-se a Belo Horizonte. Eternos assuntos de interesse e mesmo continuidade do modesto, porém essencial educandário à época. Estafantes, senão humilhantes peregrinações por gabinetes, secretarias e departamentos da área de ensino. Visitas de trabalho junto a autoridades. Burocracias sem fim. Exigências, infundáveis normativos a se cumprir.

Viagens também desgastantes. Precárias estradas de terra. Tinha-se que sair de madrugada de São Tiago, de carro ou mais tarde nos ônibus da Viação São Cristóvão, que até os dias atuais realiza a ligação São João Del-Rei/Divinópolis. Baldeação no Posto Hallim, já na Rodovia Fernão Dias, entroncamento de Oliveira, aí “pegando-se” um ônibus vindo de cidades do sul do Estado. Dali mais duas ou três horas até o centro da capital mineira.

Certa feita, Mons. Elói, acompanhado do amigo, nosso inesquecível conterrâneo Ivanir Mendes, novamente se achava na Capital. Assuntos da paróquia e do colégio. Como a Secretaria de Educação atendia ao público a partir das 14 h, encerramento às 17h: horário curto, regrado, deixaram para o período da tarde a ida até aquela autarquia, na Praça da Liberdade. Como de sempre, ao longo de toda a sua vida, Mons. Elói envergava a tradicional batina.

Dia de sexta-feira. Trânsito nervoso na capital mineira. Muita chuva, muitos engarrafamentos e colisões de veículos. Por mais se esforçassem, praticamente já encerrado o expediente, adentraram os pórticos do vetusto prédio. Subida de escadas, corredores cheios, pessoal apressado, robotizado, escorregando em direção à rua. Perceberam que não daria tempo para serem atendidos. Todas as portas estavam já fechadas ou estrondavam ao empuxo das maçanetas e ao rumorejo de chaves celeremente acionadas, encerrando voltas na fechadura.

Ao aproximarem-se da seção de ensino, destino daquela então atabalhoada peregrinação, a última funcionária, por sinal a chefe, de costas, rodopiava a chave na lingueta. Expediente da semana encerrado. Guardou a chave, ajeitou a bolsa, alisou a saia e virou-se, preparando-se para deslizar corredor afora.

Assustou-se. À sua frente, o ofegante, desconcertado sacerdote e seu acompanhante. Cumprimentam-se.

Mons. Elói manifesta-se à meia voz:

- Realmente, não deu tempo... Não conseguimos chegar a tempo, por mais que nos esforçássemos...

A elegante senhora olhou-o respeitosa e benevolmente. Sorriu, buscou a chave no fundo da bolsa e passou a reabrir a porta, dizendo-lhe:

- A um reverendo, nunca se deixa de atender!

Convidou-os a entrar, inteirou-se gentilmente do assunto, protocolando documentos e dando trâmite distinto ao assunto que até ali conduzira Mons. Elói. Após as cordiais despedidas e agradecimentos, Mons. Elói, já de volta nos corredores, toca os ombros do amigo Ivanir e diz-lhe jocosamente:

Viu como a batina vale?!

SÓ A MORTE RESOLVE...

Mons. Elói é abordado por certo paroquiano, que se encontrava então assoberbado por graves e múltiplos problemas, de amplo conhecimento público. Doenças, conflitos e desavenças familiares, dívidas. E um tanto quanto de ignorância e animosidades. Um quadro aflitivo, complexo...

O paroquiano buscava uma orientação, um refrigério para tão pesada carga. Quiçá, uma solução.

Mons. Elói ouviu atentamente as cruciantes palavras daquela então sofrida e provada ovelha. Acolhe-a. Orienta-a. Oram em conjunto. O cidadão se despede, aparentemente confortado, agradecido. Alguém, por perto, que acompanhara parcialmente o diálogo e tinha inteiro conhecimento dos fatos, faz um comentário, à socapa:

Situação difícil, não é, Monsenhor?... Parece não ter solução...

Nosso diligente vigário, conhecido e divertido latinista, responde, resignado, condoído:

Mors omnia solvit, diziam os antigos romanos. (A morte resolve tudo)

Ao que o paroquiano complementa:

- Rezemos então e com fervor para Nossa Senhora ...da Boa Morte!

O TACHO ROUBADO

O tacho de cobre de D^a Ismênia (denominemos assim a nossa personagem) simplesmente exalara. Inexplicável o sumiço. Nenhuma pista, nenhum rasto deixados. Utensílio de total estima, antigo, herança da avó quitandeira e doceira, uma das mais afamadas, renomadas da região. Era (o tacho) pau para toda obra: cocção de carnes, fabricação de doces, eventos festivos, jantares, bodas, recepções a figurões, lá estava ele a postos. Jamais soubera o que eram férias. É D^a Ismênia rejeitara, por várias vezes, propostas as mais tentadoras, para vendê-lo. Como ela própria esclarecia: “Vale uns bons cobres”

Até promessas fizera e a muitos santos, no intuito de reavê-lo. O sumiço, aliás, chegara ao conhecimento da cidade. Mesmo assim, neça. O tacho ganhara pés ou asas, dera às de vila diogo...

Naquela noite, Mons. Elói, a postos na Igreja Matriz, ouvia confissões dos paroquianos. Final de Quaresma, entrada da Semana Santa, tempo propício para o rebanho deslavar pecados, estar de consciência limpa e de bem com os Céus. Uma fila considerável nas proximidades do confessional, cada um aguardando a sua vez.

D^a Ismênia ali presente. A essa altura, Mons. Elói ouvia, àquela altura, a confissão de D^a Eronilda, vizinha e comadre de D^a Ismênia. Pelo tempo que ali estava, genuflexa, muitos pecados desfiados. Em meio à confissão, Mons. Elói cochila, efeito do cansaço, de forte medicação. D^a Eronilda percebe, tenta despertá-lo. Em vão. Constrangida, retira-se do confessional, posicionando-se, contrita, à parte, na expectativa de Mons. Elói sair da momentânea letargia, recobrar a atenção e assim reconvozá-la.

Julgando que era sua vez, D^a Ismênia, celeremente, achega-se ao confessional, ajoelha-se, persigna-se. Momento em que Monsenhor desperta, não percebendo a troca das fiéis.

- Olhe, D^a Eronilda, pelo o que me disse, a sra. carrega um enorme peso. Um constrangimento de grande porte, sem dúvida. Oriente-a, pois, a devolver o tacho que a sra. tirou da casa de D^a Ismênia. Ainda há solução para o caso... Quanto mais tempo passar, mais difícil torna-se um bom termo para a situação, a sra. não acha ?!

Atônita, o grito de anos preso à garganta, D^a Ismênia só tem tempo de alto e bom som, fazer ecoar por todo o sagrado recinto, os olhos incisivamente voltados para D^a Eronilda, ali próxima.

- Até que enfim, descobri quem me roubou o tacho... Deus tarda, mas não falta, não é mesmo, Comadre Eronilda?!

MONS. ELÓI E AS CRIANÇAS

Ouvimos, certa feita, aí pelos anos 70, Mons. Francisco Elói, nosso eminente vigário, em uma de suas contundentes homilias, discorrer – com indignação até – sobre a discriminação feita por algumas pessoas, inclusive autoridades, contra as crianças e os seres da natureza.

“Como as crianças, principalmente as mais carentes, são maltratadas. Pessoas que, ao verem uma criança humilde, tão logo esta se aproxime ou lhe bata à porta, no intuito de receber um afago, um doce, ei-la enxotada, afrontada. Pessoas que veem um animal na rua, um cão abandonado, um cavalo solto, lá se vão chutes, pedradas. Não se pode ver uma árvore, por demais tenra, a primeira ideia é o braço rude a quebrar-lhe a haste, o tronco; se árvore mais frondosa, o prêmio é o machado, o fogo. Espírito anticristão, desumano, a mais torpe crueldade em destruir. Mania inexplicável, abominável para com nossas crianças, nossos animais, a natureza mãe”, exaltava-se Mons. Elói

Ao observarmos, ontem e hoje, a carência de espírito humanista, conservacionista de muitos de nossos contemporâneos, não é de se estranhar o desinteresse, quando não o desrespeito quanto às nossas crianças, que são os adultos de amanhã, o grande volume de árvores derrubadas, nascentes destruídas, concluímos quanta razão assistia ao nosso ínclito pastor, Mons. Elói e cujas preocupações são tão atuais...

RELEMBRANDO MONSENHOR ELÓI no centenário de seu nascimento

Tudo em São Tiago nos traz à memória aquele Pastor incansável e entusiasmado que, por mais de cinquenta anos, escreveu intensamente as páginas mais significativas da nossa história.

As animadas festas de julho homenageando o Padroeiro, as Semanas Santas revestidas de tanta solenidade e espírito de fé, o Hospital, o Ginásio, Salão Paroquial, Hotel Minas Gerais, velório no cemitério, casas para abrigar andarilhos e leprosos, capelas urbanas e rurais, ardor missionário impulsionando movimentos de Igreja e Irmandades e sua atenção especial aos mais pobres – Tudo isso realizado pelo amor a nossa terra e a nossa gente.

No dia a dia da Paróquia estava ele a visitar os enfermos, a celebrar as encomendações ou exéquias e a consolar os sofredores.

Dedicava-se ininterruptamente às construções de casas, salas, apartamentos, o que ele tanto gostava e sempre mantendo a pintura na sua cor predileta, o azul celeste.

Empregava também seu tempo na administração do cultivo de plantas diversas, verduras e flores.

Homem versátil, cuidava de tudo, sem nunca deixar de celebrar aquela ou aquelas missas diárias.

Missa diária – um costume que até hoje a comunidade sente falta.

Como educador deixou sua marca indelével fundando o importante Ginásio Santiaguense e Curso Normal de Magistério. Vinte anos diretor e professor, transmitindo seu vastíssimo conhecimento e cultura invejáveis.

À sombra daquele vulto de batina (preta, bege ou cinza) estávamos nós a usufruirmos de seus ensinamentos e a aprimorarmos nossa prática religiosa e humanitária com o grande mestre e pastor.

Foi com ele que aprendemos o prazer e a ternura das visitas ao Santíssimo Sacramento.

Monsenhor nos incentivava a esta visita para ali colocarmos nossas preocupações e também alegrias. Dizia-nos que esta visita faz-nos bem até para o descanso. Sugeriu que estando diante do Santíssimo não é necessário falar. Basta ali chegar silenciosamente e fervorosamente e o próprio Cristo ouve, entende, lê os pensamentos dos que o procuram.

São lembranças inesquecíveis daquele sacerdote e mestre.

A voz do nosso pastor era ouvida e acolhida. A piedade, a fé e o aprendizado eram nítidos nos fiéis que compunham o seu rebanho.

Cabe-nos passar às gerações, que não tiveram o privilégio deste convívio com Monsenhor, suas lições sábias e sua fé inabalável.

É bom recordarmos também a motivação dele às crianças para as práticas religiosas e participação nas cerimônias da Igreja, especialmente na Semana Santa.



Nossa comunidade passou décadas sob esse pastoreio profícuo. Resta-nos hoje a saudade, a lembrança e o legado espiritual, religioso, social e cultural do qual nos orgulhamos e temos o dever de disseminá-lo em nosso trabalho, nas famílias, onde estivermos. Somos um povo privilegiado.

Obrigado Monsenhor Elói!

Cairu - Membro do IHGST

MONSENHOR ELÓI

Centenário de Nascimento (1915-2015)



Monsenhor Elói, na busca por elevar a comunidade onde viveu e pastoreou, deixou sua marca indelével em todas as coisas da cidade. Muitos dizem que em tudo tem a mão dele. Nas Igrejas, nas Obras Sociais, na Educação, nas Construções e em várias gerações onde celebrou e ministrou os sacramentos do Batismo, Matrimônio, Crismas e Comunhão. E, este ano, não poderia deixar de lembrar o centenário do seu nascimento e da sua história na cidade.

Jorginho Canaan, maestro da Lira Nossa Senhora das Mercês e grande conhecedor do Monsenhor Elói, comenta sobre sua atuação no distrito de Mercês de Água Limpa, quando lá foi pároco. “Monsenhor Eloi, nosso saudoso pároco assumiu a Paróquia de Mercês de Água Limpa no ano de 1948 quando Dom José Medeiros Leite, bispo diocesano havia entregado-lhe a Paróquia para ser seu administrador. Fez um belo trabalho dirigindo nossa comunidade por mais de cinquenta anos. Muitas obras foram feitas tanto na parte física, quanto na pastoral. Citamos algumas de suas obras: quando iniciou sua vida paroquial, aqui tão logo viu a necessidade da ampliação da Matriz, inclusive colocando as duas torres que ela possui. Já nos idos de 1953, houve a inauguração festiva do templo de Nossa Senhora das Mercês. Outra obra importante foi a construção da Vila Vicentina que existiu, dadas as necessidades e que serviu para tantas pessoas carentes morarem. O Salão Paroquial, espa-

ço social da comunidade. O Cemitério que organizou e aumentou. Anos mais tarde, fez construir a nova Matriz com a ajuda dos alemães através da Adveniat, sendo essa uma de suas últimas obras em Mercês de Água Limpa. O templo é espaço, bonito e comporta muitas pessoas em nossas principais celebrações. Na parte pastoral, Monsenhor Eloi conseguiu também fazer um trabalho brilhante, pois era um sacerdote zeloso, dedicado, homem de grande temor a Deus. Criou várias irmandades como a de São José, Pia União das Filhas de Maria, deu grande apoio aos membros do Apostolado da Oração, Conferências Vicentinas, Catequese. Atendia com grande apreço as Capelas rurais, com celebrações de missas e festas do padroeiro. Conseguia angariar recursos, numa época muito difícil, para as Obras Sociais. Monsenhor Elói foi um pároco muito preocupado e aberto com a equipe do Conselho Paroquial de Pastoral. Nem sempre poderia estar aqui, devido ao atendimento à Paróquia de São Tiago, mas favorecia outros sacerdotes amigos viessem aqui celebrar. A memória do Monsenhor Eloi ocupa lugar especial no coração do povo aqualimpense, pois foi um sacerdote muito esperado pela nossa paróquia. Tanto é que hoje temos seis sacerdotes nascidos aqui e ambos foram batizados por ele. Isso é graças as suas orações e exemplo de sacerdote. Não temos nem o que falar do Monsenhor Eloi pelo bem que fez para Capelinha. Temos uma saudade muito grande dele. Podemos dizer que fomos muito



felizes por ter tido Monsenhor Eloi como nosso pároco.”

A professora Carlita Coelho, que foi amiga do Monsenhor Eloi e membro das associações religiosas há muitos anos, fala do ex-pároco como Educador. “Até o final dos anos 40, a população de São Tiago era, em sua grande maioria analfabeta. Mesmo assim quase todos os pais tinham um sonho, ainda que bem escondido, de verem seus filhos estudados, formados, doutores. Alguns fazendeiros abriram mão de tudo, trabalharam incansavelmente, venderam parte da fazenda e do gado e estudaram alguns de seus filhos, encaminhando-os para muito longe do convívio familiar para frequentarem o ginásio e a faculdade. Mas na década de 50, eis que surge, na História da Educação de nossa região, Pe. Francisco Eloi: idealizador, corajoso, lutador. Sem medir esforços, assumiu os sonhos do seu povo. Contactou personalidades e políticos importantes e de projeção no cenário estadual e nacional. O sonho foi realizado. No final da década, depois de tanta luta e sacrifício surge a recompensa: inauguração do Ginásio Santiaguense! As famílias não precisam mais ficar longe dos filhos, podendo estudá-los com menos dificuldades. E não parou por aí. Alguns anos depois foi criado o Curso Normal, formando os primeiros professores em 1967! Mons. assumiu a direção do Ginásio e depois do Colégio por vários anos e, por falta de professores habilitados, às vezes acu-



mulava com a função de professor: ora de Geografia, História, Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil, Metodologia de Estudos Sociais, Ensino Religioso; ora professor de Francês ou de Latim. Várias gerações foram educadas por ele. Adquirimos vasta Cultura Geral: nas Artes, Ciências e Letras. Amamos a Deus e a família. Somos patriotas convictos: respeitamos o nosso Brasil, sua História, nossa Bandeira e nosso Hino Nacional. Vivenciamos, conscientemente, nosso papel de cidadãos honrados. Somos respeitados em nossas convicções e valores familiares, socioculturais, cívicos, morais e religiosos. Lições aprendidas com Mons. Eloi nas abençoadas salas de aula e que jamais serão esquecidas.

Maria de Lourdes Rezende, a Cairú, administradora do Memorial Santiaguense e ocupante da cadeira de número 22 do IHG de São Tiago, cujo patrono é o Monsenhor Eloi, fala um pouco do pároco e de sua vida na comunidade. “Falar sobre este saudoso e inesquecível padre é muito fácil. Basta-nos recordar suas virtudes sacerdotais. Ele que tantas vezes batizou, ungiu, consagrou, perdoou e abençoou, só nos fez o bem. O padre é importante não só pelo que faz, mas pelo que somente ele pode fazer. Ele faz o que faz, porque ele pode fazer. Monsenhor Eloi foi um grande padre porque, além das virtudes sacerdotais, ele contava com seus valores morais, intelectuais e acima de tudo um grande zelo pastoral pelos mais pobres e mais necessitados. Padre do amor, do trabalho, da doação e da caridade. Sacerdote intransigente, nos dogmas da Igreja, mas acessível e tolerante com as fraquezas humanas. Foi o Padre do Altar, mas padre também da solidariedade e da benevolência com os sofredores. Sacerdote orante e fervoroso. Compreensivo com



os mais fracos. Monsenhor um pai que a todos deu segurança, incentivo e apoio. Homem de Deus, que soube fazer o bem e irradiar a fé. A todos conquistou pela pregação, pela fé e por suas incontáveis obras sociais. A ele, sacerdote exemplar, gratidão eterna de todos os são-tiaguenses”.

Os que tiverem interesse em conhecer a história, vida e obras de Monsenhor Eloi podem adquirir o livro no Memorial Santiaguense.

Marcus Antônio Santiago - Jornalista e membro do IHGST

FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA 70 anos de participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial

Testemunhas oculares, atores, em carne e osso, de um dos mais trágicos episódios e contextos da história planetária – a Segunda Guerra Mundial – os expedicionários brasileiros, nossos populares “pracinhas”, pouco são lembrados ou devidamente reconhecidos. Quase todos já falecidos, as suas cidades de origem, a Nação e sociedade em geral falharam no passado e insistem, numa imperdoável omissão, ao não perenizar os feitos de seus então jovens filhos, que, um dia, na década de 1940, convocados pela Pátria, abandonaram o campo, a fábrica, famílias, indo combater em desconhecidas terras do Velho Mundo.

Tornaram-se praticamente esquecidos, bem como suas dolorosas vivências de guerra. Pouco material, quase nenhum registro de suas memórias é encontrado, restando, por vezes, o depoimento de familiares, esparsas comemorações ou eventuais referências, que não refletem o real valor de seus feitos. Acaso, temos ruas, praças, em cada cidade, com os nomes de TODOS os filhos expedicionários? Um memorial honrando nossos ex-combatentes? Escolas e instituições, em especial públicas, com a denominação ou titulação de expedicionários? Constam eles e suas façanhas dos conteúdos curriculares?

Quem foram, afinal, os nossos pracinhas? De onde, de que rincões do País vieram? Que desafios enfrentaram nos campos de batalha? Por que fomos envolvidos nos sangrentos acontecimentos e embates da II Grande Guerra? Como a inserção do Brasil foi – e ainda é – vista pela população? Como ficou a situação dos expedicionários após retornarem da guerra?

A II Guerra Mundial, que se desenrolou entre 1939 a 1945, foi na prática uma extensão, um acerto de contas da I Grande Guerra (1914-1918). O Tratado de Versalhes, celebrado em 1918,

com a vitória aliada, impusera pesadas penalidades à Alemanha, então derrotada no conflito (indenizações aos países vencedores, redução do poderio militar, econômico e industrial alemão), ocasionando graves problemas sociais, de miséria para a população do País. Isso permitiu o surgimento de grupos extremistas, dentre eles o nazismo, liderado por Adolf Hitler, aproveitando o descontentamento popular. Havia, nessa época, tensões crescentes entre os países ditos capitalistas e os interesses ideológicos e expansionistas do comunismo, liderados pela Rússia, após a sangrenta tomada do poder pelos bolcheviques em 1917.

Assumindo o poder na Alemanha em 1933, Hitler rompeu com o Tratado de Versalhes, implantou uma política de reerguimento do País, de exaltação à nacionalidade germânica, de perseguição sistemática, implacável aos judeus, aos comunistas, estendendo-a às minorias étnicas (ciganos, em particular), deficientes físicos e mentais, aos maçons, testemunhas de Jeová e religiões em geral.

Após o ataque japonês à base americana de Pearl Harbour em 07/12/1941, os americanos, sob o governo Roosevelt, passaram a pressionar pela participação do Brasil no conflito, incluindo a cessão de bases no Norte/Nordeste do País. Em contrapartida, ofereceriam cooperação técnica, econômica e ainda apoio à construção da Usina Siderúrgica Nacional de Volta Redonda (RJ)

O Brasil entrou no conflito em Agosto de 1942, após submarinos alemães afundarem diversos navios mercantes brasileiros em nossas águas territoriais, ao todo 33, além de 35 avariados, com centenas de mortos. As imagens de corpos, inclusive de mulheres e crianças, lançados às praias pelas marés, indignaram o nosso povo. Intensas manifestações contra o torpedeamento de nossos navios mercantes foram promovidas pela União Nacional de Estudantes-UNE e a Liga

de Defesa Nacional. Getúlio Vargas, que tinha confessas simpatias pelo nazifascismo, era o ditador do País. Seu governo, centrado no autoritarismo e antidemocracia, eliminara, há anos, entre nós, todas as liberdades políticas, com o cerceamento da imprensa e justiça, a contumaz prisão e tortura de adversários do regime, a dissolução do Congresso Nacional, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais. Implantara, por outro lado, como sói acontecer com déspotas e caudilhos, o culto à sua personalidade, à sua imagem. Vargas viu-se, então, forçado, pela pressão popular, a integrar-se, mediante acordo, aos Aliados, liderados pelos Estados Unidos.

O Governo Vargas requisitou igualmente aos Estados Unidos o aparelhamento bélico do Exército brasileiro. Oficiais brasileiros foram enviados aos Estados Unidos para treinamento, familiaridade com métodos e táticas modernas, empregadas pelas forças norte-americanas, em substituição às francesas, já obsoletas e de uso, até então, de nosso Exército.

Os americanos passaram a utilizar-se de bases no Nordeste do País, além do patrulhamento aeronaval de todo o Atlântico Sul, o que permitiu a neutralização da ameaça inimiga, com o afundamento de vários submarinos alemães em nossas costas.

Em 09/08/1943, pela Portaria Ministerial nº 4.744, assinada pelo Ministro da Guerra, Mal. Eurico Gaspar Dutra, era constituída a Força Expedicionária Brasileira – FEB, com o apoio estrutural e logístico do Exército Americano, para lutar ao lado dos Aliados e contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). A ideia inicial de se contar com voluntários não deu certo. Apenas 3 mil se inscreveram, sendo que mais da metade foi reprovada nos exames de seleção físico-sanitários. Os critérios básicos de convocação exigiam do candidato a altura mínima de 1.60 m, peso mínimo de 60 kg e pelo menos 26 dentes naturais. Mesmo após a convocação compulsória, que recaiu sobremaneira sobre agricultores e operários,⁽¹⁾ cerca de 25 mil foram recusados, em especial por problemas dentários – éramos uma nação de “banguelas”!

Os convocados, na verdade, passavam por exames avaliativos físicos (como os de urina, clínico geral, em que os médicos simplesmente “olhavam” alguma anomalia ou deformação) e psicológicos, todos superficiais, daí serem questionados pelos reservistas.

Os expedicionários, em sua maioria, eram muito jovens e como no Brasil, o ato de alistar-se é conhecido como “sentar praça”, nossos soldados encaminhados à Itália, passaram a ser carinhosamente chamados de “pracinhas”. O termo “praça”, no jargão militar, indica o local onde fica o quartel, designando igual e extensivamente o soldado raso, o recruta.

À época da Guerra, o Exército Brasileiro contava com cerca de 80 mil homens. Nossa Força Aérea achava-se então em fase de implantação. Quase tudo estava por se fazer. A escolaridade de nossos pracinhas, oriundos, em sua maioria, das classes populares (lavradores e operários) era baixa. Perfeitamente compreensível, pois o Estado que temos jamais se preocupou seriamente com a educação, a saúde, segurança de seu povo. Algo apenas para afortunados, para a nobreza palaciana, tecnoburocrática, a elite governante de séculos.

Os convocados encontrariam situações precárias, senão degradantes, ao se apresentarem nas unidades militares, mesmo porque as instalações dos quartéis eram, por si, acanhadas, insuficientes para abrigar grandes contingentes. Os alojamentos improvisados, construídos, às pressas, com madeira; as condições higiênicas e de saneamento deficientes; alimentação de péssima qualidade, pior até a que nossos jovens soldados, mesmo pobres, tinham em suas casas⁽²⁾, comprometida pelas condições sanitárias; encheram-se as enfermarias com casos de tuberculose, doenças venéreas e complicações dentárias.

Não houve, ademais, uma preocupação em se preparar adequadamente a sociedade e famílias sobre as razões, consequências e condições práticas da guerra. Para as famílias dos pracinhas no Brasil – especialmente as mais pobres e vivendo no interior do País – e população em geral, tempos de sofrimento, incertezas, penúrias. Desconheciam praticamente tudo o que se passava com seus fami-

liares em terras desconhecidas, além mar. Muitas sequer entendiam o porquê de tudo aquilo e, sem os filhos jovens e chefes em casa, algumas famílias tiveram dificuldades, passaram por sérias privações.

Boatos surgiam, a todo instante. Que os alemães invadiriam o Brasil, tanto assim que milhares de pracinhas passaram a guardar nosso litoral; que Hitler nos ridicularizava, tendo afirmado que o Brasil somente conseguiria enviar homens à guerra, tamanha nossa incapacidade e condição de sub-raça, quando “a cobra fumasse”. Dizem ser daí o surgimento do lema dos expedicionários: “A cobra vai fumar!”⁽³⁾

A FEB NA ITÁLIA

O 1º escalão de tropas brasileiras embarcaria em 30/06/1944, com 5 mil homens, sob o comando do Gen. Zenóbio da Costa, ainda acompanhado pelo Comandante Geral da FEB, Gen. Mascarenhas de Moraes e mais oficiais do Estado Maior. Em 02/09, a bordo do navio de transporte norte-americano “General Mann”, seguiriam o 2º e 3º escalões, comandados respectivamente pelos Generais Cordeiro de Farias e Olímpio Falconiere da Cunha. Em Fevereiro de 1945, chegaram, à Itália, mais dois outros escalões, além de 400 homens da Força Aérea Brasileira. Foram nossos escalões sempre escoltados por navios americanos ao longo da travessia do Atlântico, então infestado por submarinos alemães e palco de intensas batalhas aeronavais. Chegados à Europa, os primeiros pracinhas desembarcaram em Nápoles. Uniformes, equipamentos e alimentação supridos/suplementados pelos americanos. As primeiras semanas foram de adaptação, treinamentos, para daí serem considerados aptos para a entrada em combate. Experiências aterradoras para nossos homens – cidades devastadas, transformadas em fantasmas e sepulcros; ruínas de prédios; instalações portuárias e industriais assoladas, populações civis destroçadas e famintas.

Ao todo, o Brasil enviaria à Itália cerca de 25.330 homens, sendo que 7.000 deles (2.947 eram praças mineiros e os demais de outros Estados da Federação) compunham o IIº Regimento de Infantaria de São João Del Rei, incorporados ao V Exército Americano que, por sua vez, integrava o X Grupo de Exércitos Aliados. Os pracinhas participaram, já em setembro de 1944, das batalhas de Camiore, Massarosa, Monte Canunale, Monte Prano e, no início de 1945, nas tomadas de Monte Castelo, Castelnuovo e Montese, além de outras como Zocca, Colechio, Fornovo. Objetivo era manter o exército alemão em constante pressão, o qual viria a se render em 02/05/45, quando o último corpo do exército alemão na Itália assinou a capitulação.

O Brasil perdeu 465 soldados em combate, sendo 457 soldados e 8 pilotos da Força Aérea, cujos corpos permaneceram sepultados, durante anos, no Cemitério de Pistóia, sendo suas cinzas transferidas em outubro de 1960 para o Monumento Nacional dos Mortos da II Guerra Mundial, no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro. Entre as baixas, inclui-se o Capitão Capelão Militar do IIº RI, Antonio Álvares da Silva (Frei Orlando) morto acidentalmente dia 20/02/1945 por tiros de metralhadora disparados por um “partigiane” (civil italiano que ajudava as tropas aliadas a combater os alemães).

A participação brasileira no conflito, com o envio de tropas ao exterior para lutar pela democracia, tornou evidente a contradição da existência da ditadura getulista (Estado Novo) em nosso próprio meio. O retorno dos contingentes da FEB precipitaria a queda de Vargas, já em 1945.

O COTIDIANO NO PALCO DA GUERRA

Os relatos e depoimentos de nossos pracinhas sobre o que viram, presenciaram, viveram – as mais duras, macabras lembranças – percebe-se, sofreram bloqueios emocionais. Muitos se limitaram ao silêncio, a poucas palavras. Poucos italianos tinham visto negros, pessoalmente. Aproximavam-se, desconfiados, buscando verificar e testar, principalmente crianças, que chegavam a apalpar, a passar as mãos na cabeça de nossos soldados negros, que, por

sua vez, se divertiam com o fato. Depois da brincadeira, as crianças cochichavam: - Negretti! Negretti!

Durante a guerra, entre patrulhas, missões e combates, nossos pracinhas utilizavam-se da criatividade, acomodando-se em celeiros, pequenas trincheiras, abrigos, sendo hábeis no rastejo, em ações que exigiam camuflagem. Há registros do mais extremado heroísmo e bravura por parte de nossos homens, honrando os foros cívico-militares da Pátria.

A oferta de sexo, durante o conflito, era tamanha que as enfermeiras enchiam-se de homens com doenças sexualmente transmissíveis. A penúria em que viviam as populações vitimadas pela guerra, não havendo alimento nem elementos básicos de sobrevivência, levava à prostituição, cujos encontros se davam em qualquer lugar – dentro de celeiros, escombros de um prédio ou casa, estábulos. Mulheres geralmente se entregavam por coisas comuns, até banais – comida, chocolate, cigarros, agasalhos, tudo algo raro em tempos de guerra.⁽⁴⁾

Estabeleceram nossos pracinhas, todavia, sólidas relações de fraternidade com a população italiana, então vítima da destruição e dos horrores de um conflito bélico. Repartiam suas rações com pessoas famintas, principalmente crianças, idosos e mulheres. Adquiriram e consolidaram uma reputação de “buona gente”, os “soldados gentis”, daí serem até hoje lembrados com carinho pelo povo italiano.

MULHERES NA GUERRA

Mulheres brasileiras também tiveram importante papel na guerra. Para tal, foi formado, às pressas, em regime de urgência, o quadro de enfermeiras. Poucas eram, à época, as profissionais qualificadas – daí serem capacitadas socorristas, mulheres com noções e práticas de enfermagem.

Tétrico, o cotidiano da guerra para nossas abnegadas enfermeiras – cenários de queimaduras graves, perfurações, amputações, os mais diversos tipos de ferimento, mortes. Além dos cuidados de saúde, por vezes tinham que atuar no apoio emocional, psicológico mental.

EXPEDICIONÁRIOS APÓS A GUERRA

Assim como se improvisou o envio de tropas à Europa, da mesma forma, o Governo brasileiro, findo o conflito, agiu na desmobilização da Força Expedicionária. O País do improviso, da imprevidência, da incompetência oficial, como de sempre. Os mais de 25 mil homens, recém oriundos do front, retornaram com muitas sequelas físicas e psicológicas. Os mutilados, cegos, traumatizados não receberam nenhuma ajuda médica, de programas sociais, reintegração e qualificação profissional, havendo relatos de que alguns passaram a viver na indigência. Uma grande maioria tornou-se estigmatizada, tratados como “escleróticos” ou “psicóticos de guerra”

Homens, praticamente todos jovens, desenraizados compulsoriamente, à força, das lavouras, fábricas, famílias, não tiveram o amparo governamental e social no retorno à Pátria. A maioria retomou suas atividades e rotinas familiares; muitos, talvez milhares, tiveram dificuldades de readaptação social, de reinserção profissional, porquanto empregos e oportunidades de estudos que lhes foram prometidos, não foram cumpridos. O desemprego atingiria milhares deles. O esquecimento como prêmio. Somente em 1988, os pracinhas passaram a contar com direito a uma pensão especial, benefício que chegaria tarde para muitos, pois praticamente a metade deles estava morta.

RESULTADOS PÓS CONFLITO – Os resultados da participação da Força Expedicionária Brasileira foram além do esperado, lembrando que não eram soldados profissionais e a última atuação militar do Brasil ocorreu durante a “Guerra do Paraguai”. Nossos pracinhas tiveram pouco tempo para treinamento e enfrentaram, nos campos de batalha, exércitos superpreparados, bem

equipados, de incedível reputação.

Nossos homens e mulheres, soldados, aviadores, enfermeiras, deram o máximo de si na luta contra o nazifascismo, centenas deles perdendo a vida em combate, emprestando a contribuição máxima – a vida – a fim de defenderem a Pátria, a humanidade, os valores maiores da paz, democracia, liberdade.

NOTAS

(1) Muitos “filhos de papai”, mesmo atendendo as exigências legais, rapazes fortes, considerável escolaridade, foram “dispensados” por força do apadrinhamento e do clientelismo tão típicos da cultura brasileira. Houve, ademais, casos de deserção, porém pontuais, de pouca monta. Há relatos, por outro lado – e infelizmente - de automutilação, de muitas deserções durante o processo de convocação e mesmo de homens que se lançaram do navio ao mar, durante a viagem.

(2) Um convocado de nossa região, agricultor, e que lutaria bravamente nas frentes de batalha na Itália, informara à família que a comida servida nos quartéis brasileiros, à época, era pior do que a servida aos cães e porcos nas fazendas. Após chegarem à Itália, passaram a contar com a melhor qualidade da ração, servida e suplementada pelo Exército Americano.

(3) Há outra versão para o slogan “A cobra vai fumar!”, que se tornaria o grito de guerra de nossos pracinhas. Camelôs atraíram curiosos nas ruas de São Paulo, aí pelas décadas de 1930/ 1940, carregando jiboias em caixas de madeira. Promoviam uma singular encenação. Gritavam: - “A cobra vai fumar!” Enquanto abria a caixa, um companheiro punha um caniço ou piteira na boca da cobra e um outro acendia um isqueiro. - “A cobra fumou!”, proclamava o camelô.

(4) Um pracinha brasileiro fez um pungente relato. Certo dia, saiu a passeio, pelas proximidades do acampamento, instalado numa cidade arruinada. Levava, a tiracolo, num embornal, cigarros, biscoitos, bolachas, chocolate, algum dinheiro. Era, de praxe, nossos pracinhas fazerem isso, distribuindo-os a crianças, a pessoas famintas, enfermos. Passando próximo a uma casa, jovem mulher vasculhava entulhos, à cata de alguma coisa. Cumprimentou-a. A mulher convidou-o a entrar. Dentro penúria. O marido, enfermo, praticamente inválido, atado a uma cama. Este, logo que viu o pracinha, procurou sair, a extremo custo, do leito, no objetivo de liberar a cama. O pracinha, atônito, entendeu a intenção, o ato do enfermo. Recompôs o homem no leito, explicando que jamais era ou fora essa sua intenção. Saiu dali, quase em estado de choque, deixando para o casal todo o embornal e seu conteúdo.

EXPEDICIONÁRIOS DA REGIÃO

• **Expedicionários resendecostenses** (ou filhos de resendecostenses). Segundo o memorialista José Maria C. Chaves (Juca Chaves) em sua obra “Memórias do antigo Arraial de Nossa Senhora da Penha de Franca da Lage, atual cidade de Resende Costa” e consoante ainda os arquivos da Prefeitura Municipal de Resende Costa, foram os seguintes os expedicionários, recepcionados na sede do Município em 08/10/1945, em triunfal evento em praça pública:

Waldemir França / Jair de Resende Maia / Antonio Argamim de Freitas / Onofre Lara / Wadih Bousada / Osmar Oliveira Gomes (*05/01/21) / João Batista da Silva Filho / Helcio Alfredo de Carvalho / Vicente Machado Neto / José de Resende Mendonça / Gilberto Henrique de Sousa / Paulo Henrique de Sousa / Antonio Corsino Guedes / Délio Cunha de Carvalho / José Elói dos Santos / Sebastião das Chagas / Ciro Adalberto da Silva / Francisco de Sousa Campos / Francisco de Sousa Resende / Antonio Júlio dos Santos

• **Expedicionários passatempenses** – Segundo o historiador Antonio Faleiro em sua obra “Passa Tempo através do tempo” (pág. 157) foram os seguintes os expedicionários de Passa Tempo:

Bento Pinto de Andrade / Francisco Gomes de Moraes / João Costa.

• **Expedicionários de Bom Sucesso** - Alziro Francisco Moraes (19/01/1918-03/08/1987) ver matéria “O recruta Alziro” em nosso boletim nº XXIX de Fevereiro/2010.

• **Expedicionários naturais de Ritópolis** (ou descendentes de ritapolitanos)

Benjamim José dos Santos / Carlos Silva Junior / Cipriano José Nonato / Ciro Adalberto da Silva / Geraldo José Amaral / Geraldo Ribeiro da Silva / Hermano de Sousa / José Mendes dos Santos (José Leão) / José Paulino dos Santos / José Sebastião Dias / Má-

rio Amado de Resende / Nilson Resende.

• **Expedicionário de São Tiago** – Francisco Resende (Chico do Quirino).

• **Capelães militares:** Pe. Francisco Elói de Oliveira / Antonio Álvares da Silva (Frei Orlando).



Monsenhor Francisco Elói de Oliveira, na Itália, celebrando missa – 1945 - 2ª Guerra Mundial

• **Memorial cívico-histórico-religioso** – Mons. Elói

WALPIRA O. GOMES BONFADINI, ASSIM NOS RELATA O RETORNO DE SEU IRMÃO EXPEDICIONÁRIO OSMAR OLIVEIRA GOMES:

“...17 de Setembro de 1945, foi uma emoção diferente como eu nunca sentira antes. Ali na plataforma da ferrovia em Aureliano Mourão, junto a todos familiares e amigos, esperávamos a chegada da locomotiva. Uma bandeira do Brasil tremulava no alto, todos nós trazíamos nas mãos pequenas bandeirolas verde-amarelo. O coração batendo forte, quando soou o apito anunciando a chegada do trem que foi aproximando lentamente até parar na plataforma e Osmar saltou. Parecia um sonho vê-lo novamente, todos queriam abraçá-lo e ao sentir-me envolta em seus braços, estranha felicidade se apossou de mim.

Quando partiu para a Europa, integrando a Força Expedicionária Brasileira, seguiu-se um tempo de saudade, apreensões e medo. Ele voltaria? Era nossa dúvida. Foram meses na frente de batalha: Monte Castelo, Castel Nuevo e outros.

Notícias vinham através de cartas um tanto lacônicas. Final de guerra, o regresso; agora ele estava ali junto a nós. Uma recepção simples, mas de amor, alegria e emoção. Missa em Ação de Graças; na fazenda, almoço festivo com a família, amigos reunidos em grande alegria. Uma enorme emoção e felicidade o retorno de meu irmão Osmar” (In “Lembranças que o tempo não apagou”, págs. 83/84).

SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO

O sistema de serviço militar obrigatório ou de conscrição⁽¹⁾ para pessoas do sexo masculino, a partir dos 18 anos de idade, foi criado no Governo Afonso Pena, através do Decreto 1.503, de 05/09/1906, sendo, então, Ministro da Guerra o Marechal Hermes da Fonseca e que passaria a ser conhecida popularmente como a “Lei do Sorteio”⁽²⁾ Já em 1917 eram implantados, a nível nacional, os Tiros de Guerra, ao lado dos Batalhões regulares das Forças Armadas.⁽³⁾ A legislação sobre o assunto sofreria alterações e reestruturações ao longo do tempo, sendo hoje disciplinada pela Lei 4.375, de 17/08/1964.

A implantação do sistema geraria, à época, inícios do século passado, uma série de especulações, boatos, inquietações, informações contraditórias, as mais disparatadas, quando não hilárias situações por todo o País. Tempos em que não existiam rádios⁽⁴⁾ e os jornais pouca penetração tinham no interior do País. As notícias, dessa forma, levavam semanas, meses, muitas das vezes no lombo dos burros tropeiros, para chegar aos mais distantes rincões do Brasil e ainda assim “atravessadas”, distorcidas, senão alarmantes. Tão logo o assunto chegara ao conhecimento público, o pânico se apossaria das famílias e dos moços, espalhando temores e mal humores por todo o território pátrio.

Sabe-se que, em todos os tempos e lugares, a convocação para guerras, incluindo a conscrição (obrigatoriedade da prestação do serviço militar), sempre foi um tabu, um assunto aterrador para as famílias e populações, em especial onde se concentram homens aptos para tal. O brasileiro, histórica e culturalmente, sempre teve aversão à caserna. Nosso País conserva, ainda hoje, o trauma da Guerra do Paraguai, com grupamentos volantes, violentos, alistando homens, à força, sob ferros, levando o terror as fazendas, casas e povoações.⁽⁵⁾ Em nosso meio, ocorreria fato precedente, em 1842, quando da “Revolução Liberal”, em que moradores foram coagidos e recrutados à força, deixando sequelas na memória regional.

Para o cumprimento do decreto, o Governo instalara juntas itinerantes pelas cidades e distritos, procedendo-se ao levantamento dos assentamentos de batizados e a utilização/consulta dos registros paroquiais e cartoriais. Objetivo - recenseamento

de jovens e homens a serem convocados, processo que, à época, era por sorteio e alcançava preferencialmente os solteiros. Dai os casamentos de última hora, até no grito... Há relatos de invasões, por parte de mulheres e mães, inclusive em nossa região, adentrando sacristias, secretarias de paróquias e mesmo cartórios, no intuito de rasgar registros (batistérios ou cartoriais), para assim inibir a ação das juntas do governo.

Alguns memorialistas e historiadores de nossa região assim registraram os fatos – por sinal, dois da Lage (Resende Costa) - com nuances pitorescas, chistosas. Vejamos:

I - “Na Lage também foi grande a repercussão do fato. Muitos casamentos improvisados e feitos de afogadilho, alguns dos quais entre nubentes de idades desproporcionadas e de cores diferentes, porque diziam ser iminente uma convocação e que os casados estavam isentos do serviço militar.

Nesses apuros, deixando, um dia, os afazeres do campo, saiu de casa, às pressas, cavalgando ligeiro corcel, um moço pobre, de boa família, mas que não primava pela aparência, para pedir, no arraial, a mão de linda jovem, filha de criação de respeitável senhor de nosso escol social e por ele afagada com extremos de carinho. Como estava de viagem o pai de adoção da prendada donzela, talvez reservada a desposar a quem se distinguisse por título de pergaminho, foi o moço à sua procura pela estrada afora e, ao divisá-lo do alto de um morro, a certa distância, chamou-o aos gritos e fê-lo parar para o pedido de casamento, que lhe foi recusado.

No outro dia, apareceu no arraial um negro, de idade média, para casar-se em hora previamente combinada. Como a noiva não apareceu, o pobre homem desatou a chorar convulsivamente e a gritar na porta do juiz de paz” (José Maria da Conceição Chaves – “Memórias do antigo arraial de Nossa Senhora da Penha de França da Lage, atual cidade de Resende Costa – desde os proêmios de sua existência até os dias presentes” R. Costa, AMIRCO, 2014, págs. 241/242)

II - “...a notícia da nova lei repercutiu como se uma peste fosse dizimar a juventude. Seriam alistados para o devido sorteio todos os jovens varões não casados ainda dentro de certo tempo.

Foi o mesmo que estabelecer a alternativa: ou casar ou ser enforcado! Por toda parte os noivos e namorados trataram de apressar as núpcias.

Não sei se houve exagero, mas segundo ouvi dizer (...) a Laje batera o recorde quanto ao número de casamentos em 1908 por amor da Lei do Sorteio. Também não posso testemunhar a veracidade de que afirmam e ainda se afirma em Resende Costa, que era Laje naquele tempo, isto é que os interessados na realização do casamento civil, por haver uma taxa a pagar aos funcionários, foram os armadores e executores de toda aquela movimentação casamenteira. E alguns comerciantes cooperaram. Adulterando, exagerando e tornando públicos os dispositivos da lei, através do jornal falado com repetidas edições diárias, segundo se diz, amedrontaram os jovens varões, nem sempre varonis em matéria de civismo e os aconselharam a contrair matrimônio antes de ser ela sancionada. Assim se libertariam da farda!

E foi tanta a correria que obrigaram o Osório Chaves e o Miguel Salomão a pedir aos atacadistas de São João del Rei urgentíssimo suprimento de tecidos para os enxovais. A oficina de sapateiro anexa à casa comercial do Osório trabalhava dia e noite. (...) O vigário e o juiz de casamento tiveram que estabelecer horários, para que pudessem dormir, tomar refeições e acudir a outras imposições fisiológicas de que não os libertava a famosa Lei do Sorteio.

Se os sucessos, em si, já constituíam uma comédia, mais ainda com as balelas e exageros que surgiam. Um deles, que não garanto ter sido fato ou pilhéria: certo dia, eram muitos os casamentos que se iam realizar em série. Não tendo aparecido uma das muitas noivas, o noivo que por ela esperava, propôs casar-se com outra, que, por sua vez, esperava pelo seu futuro consorte. E casaram-se; e saíram, dengosos, de braço dado. Pouco depois, chegam os retardatários, e, tomando conhecimento do casamento pouco antes improvisado, ali mesmo decidiram vingar-se... Casaram-se, e, dengosos e felizes, deixaram a igreja, acompanhados dos parentes e amigos.” (Antonio de Lara Resende, “Memórias I – de Belo Vale ao Caraça”, Edição do Autor, 1979, págs. 397/399).

Temas explosivos, senão umbilicais na história brasileira, como recenseamento, serviço militar obrigatório, sempre mereceram a desconfiança popular, havendo casos de sublevação registrados. Deve-se isso, em parte, ao sempre descrédito que Poder Público e grande parte das autoridades gozam junto à população. Capciosos, desrespeitosos, falta de transparência na elaboração e execução de leis.

III - Octávio Leal Pacheco em sua coletânea “São Tiago de antanho” toca neste espinhoso tema. Acompanhem-lo:

- “Julho de 1920, dia 19. Tarde magnífica. Céu límpido e de um azul esplendoroso. 13 horas (...) Cheguei eu ao velho arraial de São Tiago. Vinha em missão do governo federal desempenhar as funções de Delegado do Recenseamento Geral da República em todo o município de Bom Sucesso, ao qual pertenciam, não só o nosso São Tiago, mas também o distrito, hoje município de Santo Antonio do Amparo e o rico distrito de São João Batista, atual Morro do Ferro (...) Dirigi-me à casa do Capitão João Pereira Santiago, antigo e afamado boticário, político militante e que ante a irremediável falta de quem fosse titular de diploma legal, vinha exercendo a medicina com acentuada eficiência, beneficiando a população, notadamente aos obreiros mais necessitados. Procurava eu, no exercício de minhas atribuições, conhecer e selecionar o material humano necessário e indispensável à constituição da Comissão Santi aguense (Comissão Censitária Distrital), que ajudaria a Delegacia de Recenseamento no desempenho de suas árduas tarefas e a escolher os seus auxiliares diretos (agentes recenseadores), dentro das fronteiras do distrito. Pouco amistoso, foi o meu primeiro contacto com o Capitão João Pereira. O velho santiaguense, homem serviçal, alegre e jocoso, tinha, no entanto, um gênio que, às vezes, o tornava um tanto rebarbativo. Eu, que não o conhecia, longe estava, é claro, de uma análise serena e justa, sobre sua pessoa, mormente naquela oportunidade em que

ele, à primeira vista, já sabedor do objetivo da minha visita, após os cumprimentos que trocamos, foi logo dizendo: - “Esse recenseamento é para enganar os bobos e eu não me meto nisso. É para aumentar impostos e pegar a rapaziada para Serviço Militar, prejudicando a lavoura”. Isto dito por ele, velho santiaguense, ocupando lugar de destaque na ambiência social então vigente; homem que se presumia com experiência de vida, ele, assim se expressando, frente a outras pessoas que então nos rodeavam, deixou-me um tanto contristado, pois aquela sua errônea, impertuna e inoportuna opinião, se persistente, viria prejudicar, grandemente, os trabalhos censitários em São Tiago” (Fonte Jornal-Tablóide “Ponta de Lança” nº 3, 15/04/1971, ano I, págs., 5/8).

NOTAS

(1) O patrono do serviço militar obrigatório foi o famoso poeta Olavo Bilac (16/12/1865-28/12/1918), defensor e entusiasta da ideia, Desenvolveria, para tanto, entre os anos de 1916 e 1917, intensa campanha cívica em prol da compulsoriedade e conscrição do serviço militar no País. Em sua homenagem, o dia de seu nascimento (16/12) foi instituído como o “Dia do Reservista”

(2) O Marechal Hermes da Fonseca, que assumiria a presidência do País em 1910 a 1914, é personagem caricata de nossa história. Vitorioso sobre Rui Barbosa nas eleições da época (seguramente fraudadas, durante a República Velha), o povo não perdoaria o Marechal. Inúmeras chocarrices e chistes passaram a compor o anedotário nacional, ironizando o militar presidente. Quando da obrigatoriedade do serviço militar, instituído por Hermes, muitas chalaças, então correntes, dizem que Santo Antonio estava prá lá de enciumado, e tomaria suas providências, porquanto desbançado pelo Marechal, que, com sua ideia de levar os moços solteiros para a caserna e que para se verem livres da farda, casavam-se de qualquer forma; conseguira assim o marechal promover mais casamentos do que o santo casamenteiro.

(3) Jovens de nossa região passaram a prestar serviço militar, desde então, e o fazem até hoje, em São João Del Rei, no atual 11º Batalhão de Infantaria de Montanha de São João Del Rei (Regimento Tiradentes). Esta tradicional e honorável unidade militar foi criada em 1909 com o nome de 51º Batalhão de Caçadores, aquartelado, então, nas dependências da atual Escola “Maria Teresa”. Permaneceu com essa denominação até 1920, quando pelo Decreto nº 13.916, de 11/12/1919, passou a chamar-se 11º Regimento de Infantaria.

Foram instituídos igualmente Tiros de Guerra na região, dentre eles o da cidade de Oliveira (hoje extinto), onde igualmente muitos de nossos moços cumpriram suas obrigações cívico-militares.

(4) A criação do sistema de radiofonia foi patenteado, em fins do séc. XIX, pelo físico italiano Guglielmo Marconi, porém, decisões posteriores da Justiça americana concederam a Nikola Tesla, cientista sérvio, o mérito da criação do rádio. A 1ª transmissão radiofônica mundial ocorreu em 1906, por Lee de Forest, utilizando-se de válvulas triodo. A 1ª transmissão civil no Brasil foi em 06/04/1919, pelo radiotelegrafista Antonio Joaquim Pereira, em estúdio improvisado da Rádio Clube de Pernambuco e noticiado pelo “Jornal do Recife”, já extinto, em edição de 07/04/1919. A 1ª transmissão oficial foi em 07/09/1922, Centenário da Independência do Brasil, sendo o discurso do Presidente Epitácio Pessoa, na companhia dos Reis da Bélgica, Alberto e Isabel, transmitido, via receptores, para o Rio de Janeiro e São Paulo, através de antena instalada no Corcovado. Já a 1ª concessão ou outorga foi oficialmente expedida em 21/08/1923 para a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, prefixo PRAA, fundada pelos educadores Edgard Roquette Pinto e Henrique Morize. O empreendimento era visto então como curiosidade, senão uma aventura.

Sobre a invenção do rádio e outras importantes descobertas na área, ver matéria em nosso boletim nº LXVII – abril/2013 sobre o grande inventor brasileiro Pe. Landell de Moura, por suas extraordinárias criações.

(5) Importante ressaltar que rebeliões, como a do “Ronco das Abelhas” no Brasil Imperial, também tiveram como um dos motivos a inquietação popular ante os propósitos do Governo no cadastro e convocação de homens para o Exército. Tema, aliás, sugestivo e que deveria merecer maior atenção por parte de nossos historiadores e de todas as pessoas sensíveis aos problemas pátrios.

DA MINHA JANELA

É tempo de Primavera...
E da minha janela
Aprecio
O dia
Amanhecer...
Ouço o cantar da cigarra
E observo o sol nascer!

E perto da minha janela
Bandos de pássaros
De toda espécie
Sabiás... bem-te-vis...
Andorinhas...
E tantos mais
Azulões... pintassilgos e pardais!

Um bando de mariposas
Ao entardecer...
Pássaro preto... gaviões
E carcarás
Patativas... canarinhos
E sanhaços...
A voarem paralelos pelo espaço!

Lindas borboletas e beija-flores
Entre as flores escondidos...
Nos fios e de galho em galho
Pousam canários
Bonitos...coloridos...
E nos velhos muros
Micos e camaleões a cambalear!

Olho... E vejo da minha janela
Até às fimbrias do horizonte
Nos inclinados outeiros
Belos verdejantes coqueiros
E ao longe, campos lavados
Cheiro de terra molhada
Lugar de plantar e colher!

Defronte a minha janela
Olho os Ipês amarelos...
E após a tempestade
Vejo ostentar
O arco-íris multicolor
Lembrando com amor
Que a chuva já vai passar!

Estação da Primavera!
Da minha janela
Posso avistar
Muita gente que passa
E conversa pela vidraça...
Há caminhheiros e cavalhadas...
Gente que vem... que fica e que vai!



Nilza Trindade de Moraes Campos

SÃO TIAGO 66 Anos (1949-2015)

Mais um aniversário chegou, SÃO TIAGO, 66 anos de emancipação política e administrativa. Terra bendita! Cidade de gente bonita, acolhedora e trabalhadeira. Abençoada pelo seu Padroeiro, que dá nome à cidade, desde o seu começo quando pela interseção ao Altíssimo, possibilitou que seus primeiros moradores encontrassem o que tanto almejava, o ouro. Hoje o nosso "ouro" é a produção dos famosos biscoitos que deram à cidade o nome de "TERRA DO CAFÉ-COM- BISCOITO" e a extração de minérios, atividades que garantem diretamente o emprego e o sustento a muitas famílias. Neste tempo de comemorações, lembremos também de lugares especiais que compõem o rincão de nossa História. Mercês de Água Limpa, nossa querida CAPELINHA, lugar de pessoas honestas e hospitaleiras. SÃO PEDRO DA CARAPUÇA, um dos maiores povoados do município, e é produtor de deliciosos doces e quitandas. CAJENGÁ e GERMINAL, terras prósperas, ricas em minérios. TATU, nome dado devido a uma época existir vários tatus na região. PRATA, grandes produtores de café e cachaça. FUNDO DA MATA, verdes matas que deram nome ao lugar. CÔRREGO FUNDO, mesmo estando nas divisas dos municípios, não deixou de ser um pedacinho gostoso de se viver com o jeitinho são-tiaguense de ser. MELOS e PATRIMÔNIO, lugares de pessoas que trabalham numa das bases da economia local, a produção do polvilho. IÇARA, CHAPADA, JACARÉ, FLORINDA, PAU LAVRADO, CAPÃO DAS FLORES, MANTEIGA, CAPOEIRÃO, CRUZ DO VALO, que, com suas características, acrescentam na economia, na pecuária e na cultura de nossa História.

Viva SÃO TIAGO e a todo o seu povo que, com muito carinho, somam para fazer deste município um lugar próspero e bom de se viver.

Marcus Santiago - Membro do IHGST

